

Coqueiral de Itaparica tem 20 mil habitantes, mais do que muitos municípios capixabas, e não consegue eleger um vereador

Itaparica cresce sem infra-estrutura

Cláudia D'Avila

Com mais de 20 mil habitantes, Coqueiral de Itaparica possui uma população superior à de quase 60% dos municípios capixabas. Aglomera-



dos em 5.096 apartamentos, os moradores da região enfrentam a falta de investimentos nas áreas de saúde, educação, iluminação e segurança públicas. Dividida em sete condomínios ou etapas, a comunidade nunca conseguiu eleger um vereador, apesar de armazenar votos suficientes para ter pelo menos quatro parlamentares na Câmara Municipal de Vila Velha. Algumas lideranças (síncos) já defendem a instalação de uma subprefeitura no local. Para os moradores de Coqueiral de Itaparica, o maior problema da região é a violência, que já provocou o fechamento de condomínios como as Etapas I, II (H-12) e V. O bairro possui apenas um Destacamento da Polícia Militar (DPM), onde trabalham três homens por turno — um para quase sete mil pessoas — e uma viatura raramente encontrada.

A Delegacia de Polícia Civil de Itapoã é a responsável pela segurança em Coqueiral de Itaparica e outros bairros, como Itapoã, Parque das Gaivotas, Santa Mônica e parte da Praia da Costa, entre outros. A sede deste posto policial funciona nas mesmas instalações da Delegacia do Ibes, "provisoriamente", há um ano e meio, contando com o contingente de oito homens e duas viaturas — uma precária — para atender toda a jurisdição.

Estelionatário

O crime mais comum na região é o de estelionato — cheques sem fundos e desrespeito de cheques.

posto público de atendimento médico, mas apenas a Clínica Coqueiral e o Hospital Santa Mônica — ambos privados. Antes da abertura do Pronto-Socorro da antiga Maternidade de Vila Velha — o Hospital Antônio Bezerra de Faria —, há menos de uma semana, os moradores do local tinham que se deslocar até Vitória para receber serviços de urgência.

O Síndico da IV Etapa, que não é fechada por muros, Luiz Carlos Coutinho, afirma que a Prefeitura de Vila Velha não faz nada por Coqueiral de Itaparica. A estrutura de urbanização existente hoje na região é quase a mesma existente há quase 100 anos, quando começou a ocupação — com exceção do canal da Costa, construído com recursos federais.

"Sempre que vamos solicitar uma melhoria, recebemos como resposta a alegação de que a Prefeitura não pode fazer porque o bairro é formado por condomínios fechados. Nós pagamos IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) de Cr\$ 7 mil a mais de Cr\$ 10 mil, e não temos direito a nada", queixa-se Luiz Carlos. Jean Darc é candidata a vereador e defende a subprefeitura no local para a grande comunidade resolver seus problemas.

Sem escola

A única escola existente na proximidade de Coqueiral de Itaparica é o antigo Polivalente, hoje, escola de 1º e 2º graus, localizado em Itaparica I. Em precárias instalações, estudam quase duas mil crianças e adolescentes. Conseguir uma vaga no local é um suplício, segundo a síndica da III Etapa, Maria das Mercês da Silva.

A Associação de Moradores de Coqueiral de Itaparica luta há

anos, segundo Maria das Mercês, por um posto médico, reforma do antigo Polivalente, construção de outra escola de 1º e 2º graus, creche, escola pré-primária e maternal públicos no bairro. O Síndico da IV Etapa lembra que o ex-governador Max-Mauro prometeu um colégio para a região, em 1987, mas não cumpriu. A maior parte dos estudantes sai do bairro, porque as poucas escolas privadas da região são deficientes: pequenas ou funcionam em apenas um turno.

Urbanização

A retirada das barracas de madeira da orla da praia de Itaparica é elogiada pelos moradores de Coqueiral. Eles reivindicam iluminação para o local, mas ficam divididos em relação ao projeto de urbanização, a ser executado pela Prefeitura de Vila Velha, porque representa o retorno dos barraqueiros, só que na versão alvenaria. Os bares, lanchonetes e restaurantes proporcionam uma agitada vida noturna à região, mas são criticados pelos moradores.

A dona de casa Lucimar Pereira Ramos, da VII Etapa, diz que nas fachadas de bares estão camuflados os pontos de drogas. O contador do condomínio fechado H-12, na II Etapa, Tarzan João Fernandes Caires, reclama do barulho na região até quatro horas da madrugada, principalmente, nos finais de semana. As drogas são encontradas até no Polivalente, misturadas em balas vendidas na porta do colégio.

Sem harmonia

O chefe da Divisão de Análise e Projeto do Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais do Espírito Santo (Inocoop-ES), Fábio Faria,

lembra que Coqueiral de Itaparica foi projetado e executado com recursos do Banco Nacional de Habitação (BNH) para que pudesse desenvolver a integração dos moradores em um sistema de autogestão, sem o fechamento dos condomínios.

Todas as sete etapas tinham áreas livres, destinadas à construção de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços que interessassem aos moradores, como supermercado, igrejas, posto de saúde, delegacia, escola, quadras e outros. O fechamento do condomínio, por questões de segurança, descaracterizou o conjunto habitacional e impediu o alcance dos objetivos iniciais do projeto, segundo Fábio Faria. Hoje, os espaços comuns aos condomínios são motivos de atritos entre síndicos.

As chamadas áreas livres abrigam um parque de diversões privado, Ginásio de Esportes — construído pelo Estado —, igreja, muitos bares, praças pouco arborizadas ou simplesmente, nada. Para Fábio Faria, conjuntos habitacionais do porte de Coqueiral de Itaparica são inviáveis por não alcançarem os objetivos sociais. Outro motivo para o abandono do projeto seria a impossibilidade econômica de alocar recursos da ordem de Cr\$ 40 bilhões, destinando-os à viabilização de 500 mil metros quadrados — são 75 mil metros quadrados de área construída — de urbanização e habitação. "Só a caixa d'água exclusiva do bairro possui 2,5 milhões de metros cúbicos", conta.

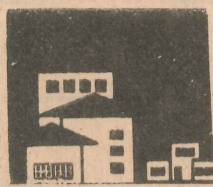
Perda da identidade

Conjuntos habitacionais do porte de Coqueiral de Itaparica, por serem distantes, padronizados e congregar pessoas desconhecidas, são difíceis de administrar e fazem com que o morador perca a identidade. "A primeira providência do dono, ao tomar posse do imóvel, é fazer uma reforma no interior para que seja a referência de sua

Itaparica cresce sem infra-estrutura

Cláudia D'Ávila

Com mais de 20 mil habitantes, Coqueiral de Itaparica possui uma população superior à de quase 60% dos municípios capixabas. Aglomera-



dos em 5.096 apartamentos, os moradores da região enfrentam a falta de investimentos nas áreas de saúde, educação, iluminação e segurança públicas. Dividida em sete condomínios ou etapas, a comunidade nunca conseguiu eleger um vereador, apesar de armazenar votos suficientes para ter pelo menos quatro parlamentares na Câmara Municipal de Vila Velha. Algumas lideranças (síncos) já defendem a instalação de uma subprefeitura no local.

Para os moradores de Coqueiral de Itaparica, o maior problema da região é a violência, que já provocou o fechamento de condomínios como as Etapas I, II (H-12) e V. O bairro possui apenas um Destacamento da Polícia Militar (DPM), onde trabalham três homens por turno — um para quase sete mil pessoas — e uma viatura raramente encontrada.

A Delegacia de Polícia Civil de Itapoã é a responsável pela segurança em Coqueiral de Itaparica e outros bairros, como Itapoã, Parque das Gaivotas, Santa Mônica e parte da Praia da Costa, entre outros. A sede deste posto policial funciona nas mesmas instalações da Delegacia do Ibes, "provisoriamente", há um ano e meio, contando com o contingente de oito homens e duas viaturas — uma precária — para atender toda a jurisdição.

Estelionatário

O crime mais comum na região é o de estelionato — cheques sem fundos e desaparecimento de devedores que muito compraram no comércio local, crimes previstos no Artigo 171 do Código Penal —, seguidos de furtos, roubos, arrombamentos, estupro, homicídios, uso e tráfico de drogas. A Delegacia de Itapoã chega a registrar uma média de 15 ocorrências por dia só de Coqueiral de Itaparica. Nos últimos três meses, três pessoas foram assassinadas no Edifício Conceição da Barra (VII Etapa). Há 15 dias também houve um homicídio na I Etapa, o quarto em dois anos.

Os próprios condomínios de Coqueiral de Itaparica têm livros de registros, onde moradores relatam perseguições a estupradores, arrombadores de apartamentos e veículos, pichadores e pessoas identificadas como "elementos suspeitos" (gíria policial). "Certa vez, nós prendemos um bêbado na guarita do vigia por ter atacado uma garota. Ele quase quebrou toda a guarita porque o pessoal do DPM, que fica a menos de 100 metros daqui, demorou 20 minutos para chegar. Eu nunca vi nenhum criminoso daqui, quando descoberto, ser punido", afirma a síndica da I Etapa de 1.040 apartamentos, Jean Darc Campelo.

Segundo fontes da Delegacia de Itapoã, os moradores de Coqueiral de Itaparica enfrentam a grande criminalidade da região porque o bairro concentra grande número de pessoas e não tem uma delegacia própria. "Os próprios moradores vetaram a instalação de uma delegacia na região, em 1986, quando o então delegado Carlos Luchini foi ao local demarcar o terreno, no qual o projeto seria executado. Na época, eles alegaram que não queriam violência no local", lembram os policiais, apontando a falta de visão da comunidade.

Saúde privada

Coqueiral de Itaparica não possui

posto público de atendimento médico, mas apenas a Clínica Coqueiral e o Hospital Santa Mônica — ambos privados. Antes da abertura do Pronto-Socorro da antiga Maternidade de Vila Velha — o Hospital Antônio Bezerra de Faria —, há menos de uma semana, os moradores do local tinham que se deslocar até Vitória para receber serviços de urgência.

O Síndico da IV Etapa, que não é fechada por muros, Luiz Carlos Coutinho, afirma que a Prefeitura de Vila Velha não faz nada por Coqueiral de Itaparica. A estrutura de urbanização existente hoje na região é quase a mesma existente há quase 100 anos, quando começou a ocupação — com exceção do canal da Costa, construído com recursos federais.

"Sempre que vamos solicitar uma melhoria, recebemos como resposta a alegação de que a Prefeitura não pode fazer porque o bairro é formado por condomínios fechados. Nós pagamos IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) de Cr\$ 7 mil a mais de Cr\$ 10 mil, e não temos direito a nada", queixa-se Luiz Carlos. Jean Darc é candidata a vereador e defende a subprefeitura no local para a grande comunidade resolver seus problemas.

Sem escola

A única escola existente na proximidade de Coqueiral de Itaparica é o antigo Polivalente, hoje, escola de 1º e 2º graus, localizado em Itaparica I. Em precárias instalações, estudam quase duas mil crianças e adolescentes. Conseguir uma vaga no local é um suplício, segundo a síndica da III Etapa, Maria das Mercês da Silva.

A Associação de Moradores de Coqueiral de Itaparica luta há

anos, segundo Maria das Mercês, por um posto médico, reforma do antigo Polivalente, construção de outra escola de 1º e 2º graus, creche, escola pré-primária e maternal públicos no bairro. O Síndico da IV Etapa lembra que o ex-governador Max-Mauro prometeu um colégio para a região, em 1987, mas não cumpriu. A maior parte dos estudantes sai do bairro, porque as poucas escolas privadas da região são deficientes: pequenas ou funcionam em apenas um turno.

Urbanização

A retirada das barracas de madeira da orla da praia de Itaparica é elogiada pelos moradores de Coqueiral. Eles reivindicam iluminação para o local, mas ficam divididos em relação ao projeto de urbanização, a ser executado pela Prefeitura de Vila Velha, porque representa o retorno dos barraqueiros, só que na versão alvenaria. Os bares, lanchonetes e restaurantes proporcionam uma agitada vida noturna à região, mas são criticados pelos moradores.

A dona de casa Lucimar Pereira Ramos, da VII Etapa, diz que nas fachadas de bares estão camuflados os pontos de drogas. O contador do condomínio fechado H-12, na II Etapa, Tarzan João Fernandes Caires, reclama do barulho na região até quatro horas da madrugada, principalmente, nos finais de semana. As drogas são encontradas até no Polivalente, misturadas em balas vendidas na porta do colégio.

Sem harmonia

O chefe da Divisão de Análise e Projeto do Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais do Espírito Santo (Inocoop-ES), Fábio Faria,

Inadimplência é muito alta

A inadimplência é o principal problema enfrentado pelos síndicos de Coqueiral de Itaparica, correspondendo até a 40% do número de apartamentos de cada etapa. Para forçar o pagamento das taxas que variam de Cr\$ 12 mil a Cr\$ 26 mil, os administradores de condomínio chegam a expor os nomes dos devedores em grandes e vergonhosos murais.

Na VI Etapa, 12 dos 70 blocos com 560 apartamentos chegaram a ter a água cortada por falta de pagamento em setembro. A administração não conseguiu arrecadar o suficiente para pagar aos 18 funcionários e mais de Cr\$ 2 milhões à Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan).

O Condomínio da VI Etapa é administrado por Luiz Carlos Coutinho, que ganha três salários mínimos por mês. Para ele, a inadimplência tende a aumentar porque a folha de pessoal cresceu com o reajuste do salário mínimo, mas os condôminos estão arrochados. "Apesar de ser habitado por engenheiros, ferroviários, funcionários da CST, Vale do Rio Doce, vendedores, contadores, aposentados e muita gente humilde, não podemos ter quase melhoria nenhuma para não acarretar em taxa extra. Cerca de 90% das portarias, no entanto, já estão com interfonos e trancas automáticas", conta.

Em torno de 90% dos moradores de Coqueiral de Itaparica possuem automóveis e por causa deles há muita confusão — água para lavagem, arrombamentos e vagas. Aliás, muitos mutuários preferem guardar os veículos em garagens particulares (Cr\$ 10 mil por mês) com vigias. Os carros usados são os mais comuns, destacando-se Che-

vette, Fiat, Fusca, Passat, Gol, Escort, Opala e outros. Na VI Etapa existe até um lavador de carros, com hidrômetro exclusivo, para uso de 32 pessoas. O local foi construído com o lucro da última festa junina.

Na II Etapa (H-4), a síndica Maria das Mercês acredita que 30% dos 632 apartamentos estão inadimplentes, sendo a maioria de invasores. Só neste condomínio são 200 apartamentos alugados pela Economia aos invasores por até Cr\$ 30 mil, enquanto o preço de mercado gira em torno de Cr\$ 120 mil. Mesmo assim, 12 deles estão para ser despejados por falta de pagamento e renda mínima para financiamento.

Outro problema comum nos condomínios é a briga por causa das altas contas de água, devido ao aumento do consumo com lavagem de veículos e a chegada dos veranistas. Coqueiral de Itaparica só chega a ultrapassar as 25 mil pessoas, para as quais foi projetado pelo Inocoop-ES, na estação do sol, quando turistas de Brasília, São Paulo e Minas Gerais abrem seus apartamentos ou alugam outros por temporada.

O aumento da conta da Cesan no verão também é argumentado pelo turista, ao ressaltar que paga o consumo de água dos prédios por três estações, sem que tenha consumido uma gota. Os veranistas também chegam em vários veículos, tomando grandes áreas do estacionamento. Outro problema de se morar em um conjunto habitacional tão grande é a dificuldade em se fazer uma festa, mantendo o som alto após as 22 horas: "todos reclamam".

lembra que Coqueiral de Itaparica foi projetado e executado com recursos do Banco Nacional de Habitação (BNH) para que pudesse desenvolver a integração dos moradores em um sistema de autogestão, sem o fechamento dos condomínios.

Todas as sete etapas tinham áreas livres, destinadas à construção de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços que interessassem aos moradores, como supermercado, igrejas, posto de saúde, delegacia, escola, quadras e outros. O fechamento do condomínio, por questões de segurança, caracterizou o conjunto habitacional e impediu o alcance dos objetivos iniciais do projeto, segundo Fábio Faria. Hoje, os espaços comuns aos condomínios são motivos de atritos entre síndicos.

As chamadas áreas livres abrigam um parque de diversões privado, Ginásio de Esportes — construído pelo Estado —, igreja, muitos bares, praças pouco arborizadas ou simplesmente, nada. Para Fábio Faria, conjuntos habitacionais do porte de Coqueiral de Itaparica são inviáveis por não alcançarem os objetivos sociais. Outro motivo para o abandono do projeto seria a impossibilidade econômica de alocar recursos da ordem de Cr\$ 40 bilhões, destinando-os à viabilização de 500 mil metros quadrados — são 75 mil metros quadrados de área construída — de urbanização e habitação. "Só a caixa d'água exclusiva do bairro possui 2,5 milhões de metros cúbicos", conta.

Perda da identidade

Conjuntos habitacionais do porte de Coqueiral de Itaparica, por serem distantes, padronizados e congregar pessoas desconhecidas, são difíceis de administrar e fazem com que o morador perca a identidade. "A primeira providência do dono, ao tomar posse do imóvel, é fazer uma reforma no interior para que seja a referência de sua casa, já que as fachadas não podem ser alteradas", revela o arquiteto Gregório Repsold.

O arquiteto é contra a construção de conjuntos habitacionais, do porte de Coqueiral, por interferirem no crescimento espontâneo da cidade. "Eles são construídos em locais isolados para abrigar uma grande massa humana e acabam puxando o desenvolvimento para a região, em função da grande demanda de produtos e serviços. A residência não pode ser entendida apenas como um abrigo onde se dorme, mas como moradia ou habitação com estrutura de transporte, saúde, educação e outros, dentro de uma visão social", conclui.

As invasões ocorridas em apartamentos da V, VI e VII etapas, segundo Gregório Repsold, demonstram o erro que foi construir Coqueiral de Itaparica. Os moradores originais foram expulsos do local devido às dificuldades financeiras de arcar com as prestações do financiamento que, inicialmente, eram baratas. Com a especulação imobiliária, parte do conjunto foi invadido por pessoas sem teto e famílias de maior renda acabaram adquirindo os direitos dos primeiros moradores. A clientela expulsa volta a morar em bairros sem infra-estrutura.

Por volta de 1984 a 1985, as últimas etapas de Coqueiral de Itaparica foram invadidas com o estímulo de lideranças políticas da época. É que vários mutuários entregavam o imóvel ao abandono ou ingressaram na justiça por causa do aumento da prestação, sem que houvesse a contrapartida salarial. Muitos invasores regularizaram a situação, enquanto outros se mantêm no local, mas não têm renda mínima para arcar com um novo financiamento: a prestação atualizada gira em torno de Cr\$ 100 mil, enquanto os primeiros proprietários pagam até Cr\$ 10 mil.